
*Ecologia e Novos Movimentos
Religiosos na Modernidade Tardia:
um estudo da Seicho-no-Ie do Brasil*

*Ecology and new religious movements in Late Modernity:
Seicho-no-Ie of Brazil as a case study*

*João Paulo de Paula Silveira**

Resumo: O presente artigo se debruça sobre o lugar da ecologia na paisagem religiosa contemporânea a partir da *Seicho-no-Ie*, uma nova religião japonesa trazida para o Brasil pelos imigrantes. A partir de 1960, esse movimento deixou de ser uma religião étnica para se tornar uma religião de salvação universal. Sob a atual presidência mundial de Masanobu Taniguchi, neto do fundador, o movimento religioso assumiu nuances ecológicas que revelam, como demonstraremos, a nuance contemporizadora dos novos movimentos religiosos. Sugerimos que movimentos como a *Seicho-no-Ie* se relacionam dialeticamente com as expectativas e demandas do mundo hodierno. Esse processo promove o “reencaixe” da religião na modernidade tardia, ao mesmo tempo que define novos significados à experiência e às práticas religiosas que, no caso em questão, se

Abstract: This paper focuses on the role of ecology in contemporary religious landscape starting from the *Seicho-no-Ie*, a Japanese New Religion brought to Brazil by immigrants. Since 1960, this movement is no longer an ethnic religion, but a religion of universal salvation. Under the current global presidency of Masanobu Taniguchi, the grandson of the founder, this religious movement assumed an ecological nuance that reveal, as it will be shown, the contemporization nuance of the new religious movements. We suggest that religious movement such as *Seicho-no-Ie* is dialectically related to the expectations and demands of late modernity world. This process promote the “re-embed” of religion in late modernity at the same time it defines new meanings for religions experiences and practices that, in this case, express themselves through the “re-

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFGO). Professor no curso de História da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá. *E-mail:* jpsilveirahistoria@gmail.com

expressam através do “reencantamento” da relação entre humanidade e natureza.

Palavras-chave: Novos movimentos religiosos. Modernidade tardia. *Seicho-no-Ie* do Brasil.

enchantment” of the relationship between humanity and nature

Keywords: New religious movements. Late modernity. *Seicho-no-Ie* of Brazil.

1 Introdução

Em sua grande maioria, os estudos sobre os novos movimentos religiosos japoneses no Brasil, em especial sobre a *Seicho-no-Ie* [Lar do Progredir Infinito], destacam o esforço desses grupos em se adequarem a um campo religioso diferente de seu contexto de criação. (MAEYAMA, 1967; ALBUQUERQUE, 1999, 2007; SHOJI; USARSKI, 2014). Grosso modo, esses trabalhos tratam especialmente do imperativo da negociação que obriga a nova religião em questão a adequar seus bens de salvação a uma paisagem religiosa cuja diversidade gravita principalmente ao redor da narrativa cristã.

A despeito de relevarmos esses estudos e de entendermos que o processo de acomodação da *Seicho-no-Ie* (doravante SNI) é um passo fundamental para a compreensão da história desse movimento no país, seguiremos um caminho distinto. Nosso objetivo é compreender a relação entre a SNI, seus conteúdos doutrinários e práticas, em especial no que tange à recente ênfase na ecologia, e a modernidade tardia. Assumimos, a partir de Lorne L. Dawson (2004, 2006), que as novas religiões devem ser percebidas como desdobramentos da relação dialética entre religião e modernidade, o que, em outras palavras, significa que a religião, suas práticas e seus sentidos são continuamente *reencaixados* na medida em que demandas particulares a interpelam. Em nosso caso, consideraremos a relação dialética principalmente a partir da questão ecológica que, a exemplo de outros novos movimentos contemporâneos, no Japão e no mundo, ocupa um lugar de destaque na SNI.

Nosso itinerário é constituído de três sessões: na primeira delas, situaremos a SNI a partir da literatura sociológica dos novos movimentos religiosos, em especial, a partir do conceito de “Religião do Eu Verdadeiro” discutido por Peter Clarke (2006); na segunda, tratamos da influência da ecologia nas atividades recentes do grupo destacando, principalmente, a “virada ecológica” no interior da paisagem religiosa hodierna discutida por Christopher Partridge (2005); na terceira sessão, discutiremos os

novos sentidos da religião e de suas práticas diárias erigidas a partir da relação da SNI com a ecologia.

Nossas discussões se alicerçam, principalmente, nos estudos dos novos movimentos religiosos na modernidade tardia (CLARKE, 2006; DAWSON, 2004, 2006; PARTRIDGE, 2005) que, em rigor, compreendem esse fenômeno para além do estigma da *trivialidade* ou da concepção do declínio da fé que geralmente são empregados quando o assunto diz respeito a religiões alternativas, espiritualidade e inovações de fé. A partir desses estudos, esposamos a ideia de que não é possível estabelecer um arquétipo rijo da religião sob o risco de ignoramos algumas especificidades da paisagem religiosa hodierna, as quais não podem ser delimitadas pela concepção clássica. Como teremos a oportunidade de discutir, a leitura com a qual dialogamos sugere que a relação dialética entre religião e modernidade tardia estabelece formas individuais de crer capazes de engendrar continuamente novos sentidos para a experiência religiosa.

2 A *Seicho-no-Ie* e o “Verdadeiro Eu”

A SNI foi fundada em 1930 por Masaharu Taniguchi e se inscreve em uma onda de *inovações religiosas* que, no Japão, teve início ainda na primeira metade do século XIX e ao longo da constituição do Japão como Estado-Nação moderno.¹ Grosso modo, os fundadores das novas religiões japonesas (*shinskunkyô*), geralmente mulheres e homens leigos, isto é, sem nenhum vínculo sacerdotal com as religiões estabelecidas, retomaram as narrativas do repertório religioso tradicional e os contemporizaram à luz das demandas e expectativas da sociedade urbana e industrial que emergia no Japão, na transição do século XIX para o século XX. (PEREIRA, 1995; READER, 2011).

O itinerário espiritual de Masaharu Taniguchi antes de fundar a SNI foi marcado pela errância e pelo interesse por conteúdos heterodoxos oriundos do novo pensamento americano, em especial o texto *Leia da mente em ação*, de Fenwike Holmes. Taniguchi pertenceu à *Ômoto* (Grande Fonte) uma das novas religiões pioneiras vinculada ao xintoísmo e que influenciou em outras inovações, e, por um breve período de tempo, na Ittoen, uma nova religião budista. (STAEMLER, 2011).

Possuidor de um “ouvido religiosamente musical”, Taniguchi alegou receber revelações divinas a partir de 1929. No ano seguinte, em março de 1930, Taniguchi foi chamado para se levantar para o cumprimento

de seu dever espiritual com a humanidade. Taniguchi entendia que sua religião continua sendo o essencial de todas as tradições e que, por isso mesmo, ela era adequada ao mundo moderno.² A disposição inclusiva, contudo, tinha como principais referências princípios constituidores do repertório japonês. Em uma das revelações, lemos aquilo que é a pedra angular da doutrina:

Matéria não existe, o corpo não existe, nem existe alma, o único que existe é *Jissô*. *Jissô* é Deus. Apenas Deus existe. O espírito de Deus e sua manifestação é a única realidade. Isso é *Jissô*. (TANIGUCHI apud MAEYAMA, 1967, p. 45).

Jissô, ou a “Imagem Verdadeira”, é o conceito adotado pela SNI para definir a divindade como única realidade. A “Imagem Verdadeira” é essência, divindade que permeia toda a vida, incluindo a essência íntima dos sujeitos que, por serem filhos de Deus, são perfeitos e ímpecáveis. O *Jissô* é a expressão da “Grande Vida” (*daiseimei*, em japonês) que, segundo Suzumo Shimazono (2004), atravessa a imaginação religiosa de vários novos movimentos japoneses; ela consiste em uma cosmologia vitalista do universo, isto é, o cosmo emana de uma única fonte-vida. Longe de ser uma novidade, essa ideia, segundo parece, está em afinidade com aspectos monistas dos repertórios xintoísta e budista do Japão.³

O acesso ao *Jissô* é possível através da consciência, uma característica que revela a força do novo pensamento americano nessa religião. A mente otimista repousa na ideia de que somos perfeitos por sermos filhos de Deus e, por essa razão, livres do pecado e de doenças. A cura dos males, em especial das doenças, passaria, então, pela consciência da verdadeira essência humana e da declaração dessa condição. Esse aspecto taumatúrgico, considerado por Leila Albuquerque (1999) em sua pesquisa sobre a SNI, está vinculado à nova consciência e ao poder da palavra otimista que atravessa grande parte dos grupos religiosos definidos por Peter Clarke (2006) pelo conceito “Religião do Eu Verdadeiro”. Segundo esse autor,

religiões do Eu Verdadeiro insistem que é o eu interior que constitui a autoridade de crença e prática [...]. Voltar para o interior reúne e harmoniza o que é superficialmente percebido como opostos. A natureza direta da experiência religiosa que esta nova espiritualidade oferece

parece ser uma das características mais atrativas. Ela cria um novo entendimento do espaço histórico entre o estado atual e o potencial de um indivíduo que, em contraste com as religiões estabelecidas mais amplas, que traz a possibilidade da autorrealização interior completa ao alcance no presente. Ela torna isso constantemente disponível, sendo que a única barreira a ser superada é da ignorância sobre a natureza do verdadeiro eu. A distinção entre terra e paraíso é neste sentido anulada. (CLARKE, 2006, p. 7, tradução nossa).

O acesso ao “eu verdadeiro” que a SNI nomeia como “Imagem Verdadeira” é possível principalmente a partir da consciência de que o “Homem é filho de Deus” e por esse motivo ele é perfeito, incorruptível, próspero, livre de doenças e essencialmente bom. O “Eu Verdadeiro” a que alude Clarke é consequência da nova consciência da divindade interior da humanidade. Proclamá-la é uma forma de fazer manifestar a verdadeira condição humana que dista da *ilusão* de que o homem é finito, material e pecador. Segundo essa ideia, a leitura negativa sobre a humanidade, em especial aquela que diz respeito ao *pecado original*, é fruto de uma percepção ilusória daquilo que Taniguchi e seus adeptos chamam de “mundo fenomênico”, isto é, o plano transitório onde os sujeitos não têm consciência de sua real condição como filhos de Deus. Segundo acreditam, uma nova era da humanidade terá início quando todos despertarem sua nova consciência da condição de “Filhos de Deus”.⁴

Masaharu Taniguchi se esforçou para tornar a SNI uma religião planetária. Com esse objetivo, deu início, na década de 1960 a uma série de viagens pelo mundo, em especial ao continente americano. Em 1963, Taniguchi visitou o Canadá, os Estados Unidos e o Brasil, ficando neste último por cerca de três meses.⁵ (DINIZ, 2006). Desde então, a “abertura para o mundo” certamente imprimiu novos rumos ao movimento. Conforme veremos nas sessões seguintes, a concepção de “Imagem Verdadeira” passou a incluir também a ecologia.

3 A nuance ecológica

A ecologia se tornou um conteúdo relevante para a SNI principalmente a partir da ascensão de Masanobu Taniguchi, um dos netos do fundador, ao posto de Supremo Presidente, cargo ocupado por seu pai – e genro do fundador – até o ano de sua morte, em 2008.

Durante o contexto de fundação da SNI, diversos saberes sobre a dimensão psicológica da humanidade tiveram influência na imaginação religiosa de Masaharu Taniguchi. Conteúdos oriundos da psicanálise e de outros saberes heterodoxos que acentuavam o papel da mente na vida dos sujeitos, em especial o supracitado “Novo Pensamento Americano”, davam corpo a uma doutrina que, em alguns momentos, não queria apenas ser uma religião, mas também uma filosofia de vida capaz de dialogar com saberes científicos. É por esse motivo que os adeptos do movimento, frequentemente, se referem a Masaharu Taniguchi e aos seus sucessores pelo título de *professores*.

Sob o comando de Masanobu Taniguchi, essa mesma disposição dialógica tem como alvo os saberes e as preocupações diversas que dizem respeito à temática ecológica. Graduado em Direito, com experiência em Jornalismo e Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, Masanobu Taniguchi imprime um novo ritmo à nova religião japonesa ao incluir temas e preocupações contemporâneos à vida religiosa dos adeptos da SNI. Além da ecologia, outros temas como paz mundial e fundamentalismo têm um importante lugar em obras como *Primeiro passo para a paz* (2006) e *Caminho da paz pela fé* (2004). Em ambas, o autor se esforça para dialogar com constatações científicas e políticas diversas a respeito dos atuais problemas do mundo contemporâneo. É a partir desse diálogo que o presidente mundial define o escopo das preocupações religiosas da SNI.

Pensando ecologicamente, precisamos reconhecer mais o valor da própria Natureza. Reconhecendo que há um valor extraordinário na Natureza ainda inexplorado pelo homem, devemos protegê-la. É esta a época que vivemos. Expressando essa forma de pensar em termos religiosos, seria: ver por trás de todas as coisas a *Vida de Deus, a Misericórdia de Buda*, e, com gratidão, cuidar bem de tudo, cientes de que todas as coisas da natureza não devem ser usadas como *direito do homem*, mas com cuidado, reconhecendo que *Deus nos está permitindo usá-las*. (TANIGUCHI, 2006, p. 15, grifos do autor).

A citação acima é um trecho do *Primeiro passo para a paz*. A obra tem um forte tom analítico ao abordar temas globais, o que certamente explicita a influência que as formações intelectuais do autor têm em sua imaginação religiosa. Ao enfatizar as preocupações atuais sobre poluição,

desperdício e destruição da natureza, o líder religioso ressalta que a “Imagem Verdadeira” diz respeito também à natureza que deve ser compreendida não como simples objeto de manipulação humana, mas como parte da “Grande Vida” da qual fazemos parte. Nesse sentido, a transformação da consciência que caracteriza as “Religiões do Eu Verdadeiro” que orienta as práticas religiosas da instituição em tela deve incluir também uma nova percepção a respeito da relação entre humanidade e meio ambiente.

A preocupação ecológica de Masanobu Taniguchi vai ao encontro das reflexões que o sociólogo inglês Christopher Patridge (2005) tece a respeito da “eco espiritualidade” contemporânea que, grosso modo, são influenciadas por saberes produzidos nos últimos 40 anos, em especial a Hipótese Gaia desenvolvida pelo geoquímico inglês James Lovelock e pela bióloga Lynn Margulis e a teoria da “Ecologia Profunda” [*Deep Ecology*] introduzida pela filósofa norueguesa Arne Naes. Esses conteúdos interpelaram a religiosidade e reforçaram a disposição experimentalista e neorromântica oriunda dos movimentos de contracultura que apareceram no início da segunda metade do século passado. Orientalismos, neopaganismos e neoxamanismos produziram, então, uma religiosidade holística que reconhecia na natureza a condição de “mãe nutridora” da qual todos nós somos parte. Em linhas gerais, a eco espiritualidade que emergiu a partir daquele momento busca “reencantar a natureza”.

A disposição ecológica se materializa no cotidiano da SNI de várias formas. Além de palestras e momentos específicos para discutir o tema, o movimento religioso ressalta sua identidade ecológica ao enfatizar a posse do selo ISSO 14001 atribuída a instituições que promovem a sustentabilidade – a SNI alega ser o único grupo religioso a possuí-lo. Além disso, a nova sede do movimento no Japão, o Escritório na Floresta, uma edificação construída a partir de princípios ecológicos em uma região ladeada de árvores, é representado como arquétipo de um novo mundo orientado por princípios ecológicos.⁶

No cotidiano dos adeptos, a questão ecológica se manifesta principalmente a partir de práticas que incluem a reciclagem e o combate ao desperdício de água. Em uma das entrevistas que realizamos com adeptos do movimento, em Goiânia, é possível verificar essa disposição a partir do seguinte relato:

A gente fala que na *Seicho-no-Ie*, que eu e você somos um só perante Deus... o meio ambiente faz parte de você. Que é construído o meio ambiente, é procurando para você, para as futuras gerações, e tudo é criação de Deus. [...] Como tudo é divino e tudo é criação de Deus, a gente tem que cuidar, porque tudo é sagrado. A planta é sagrada, o animal é sagrado. Então, assim... eu vejo de uma forma muito positiva e tem tudo a ver. Assim. Eu não vejo uma coisa separada, né, que percebe em que medida que o homem... que nós, nós somos um só perto de Deus, que o universo é único e tudo foi criação de Deus e Deus criou as coisas com todo amor para que o homem, para quem vivesse na Terra, nos planetas, viesse bem, então a gente tem que seguir aqueles desejos. Ter respeito, ter preocupação e está... as coisas mostrando aí ... a natureza está mostrando o estrago que o homem fez por essa falta de preocupação com a natureza, falta de respeito e é mesmo a falta de respeito de estar acabando com tudo. E aí a gente está vendo hoje aí a resposta. O clima alterando, enfim, faltando água. Então, se houver essa coisa [...] é extremamente positivo, e não tem como você dissociar uma coisa da outra. E eu lá em casa, a gente faz muita coisa. E ainda no meu trabalho, às vezes, a gente é até criticada.

O relato testemunha o “reencantamento da relação entre homem e natureza” discutido por Partridge (2005). Nele podemos encontrar uma concepção de divindade bastante particular se levarmos em consideração a noção predominante na paisagem religiosa brasileira. Essa imagem da unidade sagrada “humanidade-natureza-Deus”, é uma recorrência das ecoespiritualidades contemporâneas que, como acreditamos, redefinem o sentido da religião e de suas práticas diárias.

A nuance ecológica da SNI é relativamente recente, e muitos de seus seguidores alegam algum estranhamento quando lidaram com as primeiras publicações sobre o tema.⁷ Mesmo assim, a disposição à contemporização é frequentemente ressaltada pelos adeptos do movimento a partir da concepção de que o modo de expressar o conteúdo religioso se transforma ao longo do tempo.

4 Ecologia e aspectos sociológicos

Muitos estudos que se debruçam sobre a relação entre novas religiões ou religiões alternativas e modernidade tardia ressaltam sua natureza dialética ao invés do simples antagonismo ou da constatação de que as inovações são, no fundo, tendências que confirmam o declínio da religião

na modernidade. Nossa interpretação, contudo, parte do entendimento de Lorne L. Dawson que sustenta:

A religião está sendo desencaixada de seu lugar tradicional na realidade dos grupos e da identidade social e simultaneamente é reencaixada, através de um processo dialético de modernização global, na realidade da identidade pessoal. O lugar social da religião está sendo reconfigurado e não desaparecendo completamente. (2004, p. 92, tradução nossa).

A observação do autor deixa claro que a mudança experimentada pela religião não deve ser compreendida como sinônimo de desaparecimento, mas de especificidade, ou seja, o “reencaixe” produz novos sentidos à experiência religiosa, bem como novos escopos. Em outras palavras, é no processo do “reencaixe” que podemos encontrar o sentido das mudanças experimentadas pela SNI e pela paisagem religiosa como um todo.

A relação dialética entre modernidade e religião é a principal chave compreensiva para pensarmos o surgimento, o desenvolvimento e, sobretudo, a nuance ecológica da SNI. Desde seus primeiros momentos, a nova religião se vinculava a temas e demandas tipicamente modernas, em especial àquelas que caracterizavam a realidade japonesa urbana do pré-guerra. Os textos do fundador eram carregados de psicologismos e de esforços para dar ao seu movimento um *status* mais nobre do que aquele da simples religião. Essa preocupação testemunha o “reencaixe” e o concomitante engendramento de novos sentidos da experiência religiosa que, mais do que salvar os sujeitos da morte e da transitoriedade, produzem dispositivos “terapêuticos” como vistas as realizações neste mundo. Ao enlevar o lugar da mente, uma preocupação oriunda do Novo Pensamento Americano, a SNI se apresenta como uma “psicoterapia religiosa”. (SHIMAZONO, 2004). Esse viés, partilhado por qualquer movimento religioso preocupado com a transformação da mente (*e.g.* Meditação Transcendental, Movimento do Potencial Humano, Cientologia, Logosofia, etc.) ressignifica a experiência religiosa e define novas práticas que, em linhas gerais, dizem respeito a esforços e técnicas centradas no cuidado com a condição psicológica a partir de uma retórica otimista e motivacional. Com algum exagero, parece-nos possível conjecturar que a mente, ou a consciência, passou a ocupar o lugar, pelo menos dentro de alguns dos novos movimentos religiosos, que outrora era ocupado pela concepção cristã e a alma.

Como dissemos, a SNI é uma religião do “eu verdadeiro”. Essa condição implica a interiorização do sagrado e na concepção de que os sujeitos são dotados de “potencialidades infinitas” por serem “Filhos de Deus”. Certamente, essa concepção produz uma experiência religiosa pragmática que pode ser verificada principalmente a partir das publicações da doutrina que tratam do tema da prosperidade ou, ainda, das reuniões realizadas pela Associação Prosperidade, uma das que constituem o movimento. Essa disposição pragmática parece estar em afinidade com a maneira que a modernidade nos interpela, isto é, como sujeitos responsáveis por nosso destino, como sugere Zygmundo Bauman (2001). Nesse sentido, a consciência da “Imagem Verdadeira” e, no interior dela, do “eu verdadeiro”, reforça ao mesmo tempo que atende às expectativas dos sujeitos da modernidade tardia. Em rigor, a preocupação com o autoaperfeiçoamento e a motivação, esta última uma característica das atividades da instituição, expressam um sentido de religião bastante distinto do foco tradicional na vida pós-morte. Ainda que a concepção de além, ou mundo espiritual, não esteja ausente na doutrina da SNI, a religião parece servir de meio, de estímulo, às capacidades inatas mais do que um caminho de salvação.

Por outro lado, parece que essa disposição pragmática não esgota toda a condição dos novos movimentos e da SNI, em específico. Se, de um lado, somos interpelados por uma realidade que nos representa como indivíduos responsáveis por nosso destino, por outro, também somos interpelados pela sensação de risco que, via de regra, é produto de escolhas individuais e coletivas malsucedidas. A relevância da ecologia, no interior dos novos movimentos religiosos como a SNI, traz à lume o meio encontrado pela imaginação religiosa para responder aos riscos modernos; isto é, a consciência das ameaças *globalmente* vivenciadas provoca a disposição de se viver em um mundo onde as partes, incluindo a natureza e o divino, constituem uma totalidade inseparável. Dessa forma, a nova consciência enfatizada pelas inovações religiosas hodiernas como a SNI é profundamente carregada de disposições mudancistas – em graus distintos, diga-se – que também redefinem sentidos da experiência religiosa em torno de uma “nova consciência global”. Nela, somos todos habitantes de uma “mesma casa”.

A SNI (assim como as novas religiões japonesas) possui um discurso relativamente reformista, a despeito desses grupos esposarem concepções políticas conservadoras. As publicações recentes de Masanobu Taniguchi

expressam o modo pelo qual a ecologia interpelou a religião e como essa respondeu através da disposição pelo *reencantamento* da relação entre humanidade e natureza. A sacralização da natureza produziu uma “ecotopia” a ser alcançada pela consciência da unidade e através da harmonia entre todas as coisas. A ideia de que “a gente tem que cuidar, porque tudo é sagrado”, da supracitada entrevista, define como escopo da religião a necessidade de engajamento ecológico; reciclar, não desperdiçar água, não poluir e preservar a fauna e a flora deixam de ser apenas questões *seculares* para também se tornarem parte de uma ética religiosa orientada pela concepção da “Imagem Verdadeira” que atravessa toda a vida. Destarte, harmonizar com a natureza e com o “Eu Verdadeiro” é para adeptos da SNI é parte da prática religiosa. Sobre isso, nos confidenciou uma entrevistada:

Nossa, como a gente trabalha essa questão da natureza, por exemplo, hoje eu diria para você, hoje, por exemplo, eu não tenho coragem de jogar um papelzinho de balinha na rua. E quando a gente vê alguém jogando alguma coisa, alguém danificando alguma coisa, aquilo se torna uma coisa dolorosa para a gente, a gente sofre com isso. Então a gente tem um respeito muito grande, a gente passa a ter um respeito muito grande pela natureza. Então a gente sofre, a gente tem sofrido com isso, porque a gente vê a pessoa danificando alguma coisa da natureza, vê alguma pessoa não respeitando a natureza, às vezes, a gente não tem como abordar aquela pessoa. Mas normalmente, quando a gente vê uma pessoa fazendo qualquer coisa com desrespeito à natureza, naquele momento a gente mentaliza, “Você é Filho de Deus”, isso que você está fazendo, você está fazendo porque você não tem conhecimento, mas Deus já está manifestando através de você e você vai passar daqui para frente, você vai passar a respeitar a natureza.

Assim como no trecho apresentado na sessão anterior, esse depoimento destaca o lugar da natureza na vida religiosa. O que certamente chama a atenção é a mentalização: “Você é Filho de Deus” que geralmente é empregada pela SNI para ressaltar as potencialidades individuais, a saúde e a prosperidade provenientes da identificação com a “Imagem Verdadeira”, o elemento central da doutrina religiosa. Na citação acima, vemos outra abordagem que sinaliza para o fato de que a manifestação da condição de “Filho de Deus” também está vinculada ao respeito à natureza. O otimismo comumente expresso pelos adeptos da

SNI através da mentalização da “Imagem Verdadeira” do *outro* se reveste do sentimento de sacralização da natureza. Esse sentimento pode ser verificado de forma ainda mais intensa no seguinte relato acerca de uma praga que atingiu o pomar de um membro do grupo religioso.

Eu vou te dar um exemplo que está acontecendo na minha casa agora. Eu ganhei de presente uma muda de açaí. Essa muda de açaí veio lá da Amazônia de presente para mim, eu plantei essa (muda de açaí), plantei essa muda no jardim da minha casa, e agora, recentemente, deu coró. Aquele, né, nas folhas lá, e esse coró começou a ser um transtorno até para os vizinhos, porque eles descem e sobem no muro e estavam até passando para casa de vizinho. Eu tinha que resolver o problema de alguma forma ou jogar inseticida ou cortar o coqueiro. Aí, o que é que eu fiz? Fiz uma oração [...]. E eu fui fazendo essa oração durante uma semana, e os bichinhos desapareceram [...]. Mas por quê? Porque eles atendem? Porque, na verdade, eu e eles somos um só perante Deus, então existe essa comunicação.

A recusa do uso de inseticida ou do corte da árvore em favor da prática de oração para que os insetos abandonem o jardim revela uma concepção religiosa que sugere uma essência sagrada comum a toda vida. Cortar a árvore ou matar os insetos são apresentadas como saídas inoportunas diante da via da *harmonia* entre as criaturas de Deus. Essa imagem vitalista de mundo, que, segundo Shimazono (2004), já estava presente no repertório religioso tradicional, se expressa no trecho acima a partir da concepção de harmonia com a natureza que, conforme vimos, é representada como essência sagrada comum a todos os seres vivos. Em outras palavras, a consciência de uma natureza sagrada comum é para a SNI o meio ideal para lidar com os riscos que constituem a questão ecológica hodierna.

5 Considerações finais

Os novos movimentos religiosos são objetos de pesquisa capazes de revelar os meios encontrados pelas religiões para se reinventarem diante dos novos desafios e demandas da realidade moderna. Grupos como a SNI oferecem a possibilidade de compressão da produção de novos significados da religião e da experiência religiosa que, segundo entendemos, não devem ser considerados a partir de um modelo único.

Se a religião está sendo *reencaixada*, como sugere Dawson (2004), é fundamental considerar que seus sentidos e atribuições também serão reencaixados. O imbricamento entre a questão ecológica e a busca religiosa, certamente, é um dos aspectos mais contemporâneos desse processo.

A SNI experimentou, nos últimos anos, a contemporização de doutrinas provenientes principalmente dos esforços do atual Presidente Mundial, Masanobu Taniguchi. A preocupação ecológica se tornou a ponta de lança de inúmeras publicações e atividades do grupo, o que testemunha a capacidade de contemporizações experimentadas pelos novos movimentos como um todo. No caso específico da ecologia, o Japão e o Brasil – assim como o restante do mundo – passam por momentos sensíveis em virtude de catástrofes e mudanças climáticas que tornam urgentes a preservação ambiental e o abandono de técnicas eventualmente prejudiciais ao futuro da humanidade. A ecoespiritualidade é, nesse sentido, a resposta que a imaginação religiosa oferece às contingências típicas de um contexto de riscos globais que interpelam os indivíduos enquanto habitantes de um mesmo lar.

Notas

¹ A nova religião surgiu durante o período em que vigorava o governo autoritário e a ideologia nacionalista do Xintoísmo de Estado que defendida a sacralidade do Imperador e sua linhagem divina e ininterrupta. Durante os primeiros anos de sua existência, a SNI abraçou essa ideologia e se tornou uma das novas religiões mais bem-sucedidas do Japão. Taniguchi defendia a divindade do Crisântemo, isto é, o trono do Imperador, ao mesmo tempo que interpretava a guerra no Pacífico como um conflito sagrado. Apesar do esforço em dirimir esse discurso depois da derrota

japonesa e do desmantelamento da religião oficial pela Constituição de 1946, H. Neil McFarland (1967) afirma que o tom nacionalista continuou existindo nas décadas seguintes. Mesmo hoje o patriotismo é um valor importante para o movimento religioso.

² A *Ômoto*, uma das novas religiões pioneiras, inspirou grupos como a SNI e a Igreja Messiânica. (STAEMLER, 2011). Uma de suas doutrinas diz respeito à concepção de que “dez mil credos retornam para uma mesma fonte” [*bankyokiitsu*], o que, em outras palavras,

significa que todas as religiões possuem uma fonte comum. (DESSI, 2011). Como entendemos, essa disposição está presente na concepção de Masaharu Taniguchi de que todas as religiões possuem a mesma essência. Essa “essência comum” constitui, segundo acreditam os seguidores do movimento, a doutrina da SNI.

³ A visão monista a que aludimos se refere principalmente à imagem religiosa de mundo que não concebe a separação entre *natural* e *sobrenatural* ou a ideia de *sagrado* nos termos do *totalmente outro*. Para o monismo, há uma continuidade essencial entre todos os seres, uma totalidade sem diferenciação. Segundo Susumo Shimazono, et al. o monismo compreende a ideia de que “o cosmos é considerado um corpo vivo ou uma força vital com fertilidade eterna. (1979, p. 143, trad. do autor).

⁴ Nas várias conversas e entrevistas que realizamos com membros da SNI, na cidade de Goiânia, foi frequente a recusa da doutrina do pecado original do cristianismo.

⁵ Embora os primeiros textos e adesões à SNI remontem ao início da década de 1930, as atividades religiosas no Brasil só foram reconhecidas pela sede central em 1951. Na década seguinte, o grupo adentra o campo religioso nacional ao abrir suas portas para o público brasileiro

sem descendência nipônica. Desde então, a SNI passou a atrair mulheres e homens em suas várias sedes espalhadas pelo País e, segundo alguns estudos (ALBUQUERQUE; 1999; WATANABE, 2008), o maior número de adeptos vivem hoje no Brasil.

⁶ A nova sede foi inaugurada por Masanobu Taniguchi em julho de 2013, na cidade de Hakuto, Província de Yamanashi, localizada na região central de Honshu, a principal ilha do Japão. Ela substituiu a sede central fundada em Tóquio pelo criador do movimento.

⁷ Cabe mencionar a existência de um grupo discente chamado de *Masaharu Taniguchi sensei o Manabu Kai*, cujo significado é [Associação para o Estudo Sobre o Mestre Masaharu Taniguchi], liderado no Brasil pelo ex-preletor da SNI, Osvaldo Murahara. Como qualquer grupo sectário, o *Manabu Kai*, como é conhecido, alega que a atuação de Masanobu Taniguchi representa um desvio em relação à doutrina original, em especial, a preocupação ecológica e a tradução de expressões japonesas que, segundo os desviantes, empobrecem os ensinamentos do fundador. Em linhas gerais, o *Manabu Kai* recusa qualquer atualização religiosa e, por esse motivo defende o retorno à *origem* dos ensinamentos e o uso de termos em português em cerimônias e práticas recitativas.

Referências

ALBUQUERQUE, Leila M. B. *Seicho-no-Ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação*. São Paulo: Annablume, 1999.

ALBUQUERQUE, Leila M. B. The nationalization of foreign God's: Seicho-no-Ie among Brazilians. In: PEREIRA, Ronan

- A.; MATSUOKA, Hideaki (Ed.). *Japanese religion in and beyond Diaspora*. Berkeley, CA: Institute of East Asian Studies, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BIRGIT, Staemler; DEHN, Ulrich (Ed.). *Establishing the revolutionary: an introduction to New Religions in Japan*. Berlin: LIT Verlag, 2011.
- CLARKE, Peter. *New Religion in global perspective*. Londres: Routledge Curzon, 2006.
- DAWSON, Lorne L. The sociological significance of modern New Religious movements. In: LEWIS, James L. (Org.). *The Oxford handbook of New Religious movements*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.
- DAWSON, Lorne L. *Comprehending cults: the sociology of New Religious movements*. Toronto: Oxford University Press, 2006.
- DESSI, Ugo. Japanese religions, inclusivism, and the global context. *Japanese Religions*, v. 36, ns. 1 e 2, p. 83-99, 2011.
- DINIZ, Edileia. *Carisma e o poder no discurso religioso: um estudo do legado de Masaharu Taniguchi: a Seicho-no-Ie do Brasil*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2006.
- MAEYAMA, Takashi. *O imigrante e a religião: estudo de uma seita religiosa japonesa em São Paulo*. 1967. Dissertação (Mestrado) – Escola Paulista de Sociologia e Política, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1967.
- McFARLAND, H. Neill. *The rush hour of the gods: a study of new religious movements in Japan*. New York: McMillan, 1967.
- PEREIRA, Ronan Alves. Possessão por espírito e inovação cultural: o caso de suas líderes religiosas do Japão. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 169-189, 1995.
- READER, Ian. Japanese New Religious movements. In: JUERGESNSMEYER, Mark (Ed.). *The Oxford handbook of global religions*. New York: Oxford University Press, 2011.
- SHOJI, Rafael; USARSKY, Frank. Japanese New Religions in Brazil and the dynamics of globalization versus glocalization. *Journal of Religion in Japan*, v. 3, p. 247-269, 2014.
- SHIMAZONO, Susumu et al. The vitalistic conception of salvation in Japanese New Religions. *Japanese Journal of Religious Studies*, Tóquio, Japão, v. 6, n.1, p. 139-161, 1979.
- SHIMAZONO, Susumu. *From salvation to spirituality: popular religious movements in modern Japan*. Melbourne: Trans Pacific Press, 2004.
- PARTRIDGE, Christopher. *The re-enchantment of the west: alternative spiritualities, sacralization, popular culture and occulture*. Nova Iorque: T&T Clarke International, 2005. 2 v.
- TANIGUCHI, Masanobu. *Primeiro passo para a paz*. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 2006.
- TANIGUCHI, Masanobu. *Caminho da paz pela fé: a fé na atualidade*. São Paulo: Seicho-no-Ie do Brasil, 2004.
- WATANABE, Masako. The development of Japanese New Religions in Brazil and their propagation in a foreign culture. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 35, n. 1, p. 115-144, 2008. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30234504>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

